

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://www.uerj.br/revista-cientifica/adolescencia-saude/>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2015 by Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Amanda Oliveira
Fernandes¹
Nancy Ramacciotti
Oliveira-Monteiro²
Regina Célia
Spadari-Bratfisch³
Juliana Olivetti
Guimarães
Nascimento⁴
Fábio Tadeu
Montesano⁵

Estresse em adolescentes abrigados

Stress among adolescents living in shelters

> RESUMO

Objetivo: O estudo buscou investigar condições de estresse de um grupo de adolescentes abrigados, quanto às áreas mais referidas de eventos estressores e intensidade do estresse percebido. **Métodos:** Foram investigados 30 adolescentes (ambos os sexos, 11-18 anos incompletos), moradores de abrigos da Baixada Santista (SP), com uso do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA) e do Questionário de Estresse em Adolescentes (ASQ). **Resultados:** Ficaram indicados como eventos impactantes e estressores os relacionados à escola, pressão financeira, os da ordem jurídico-institucional, além de situações de pobreza e violência. **Conclusão:** O estresse associado ao ambiente escolar foi característica do grupo de adolescentes investigados, os quais já possuem importantes prejuízos em suas relações familiares, apontando para necessidades de ampliação e aprofundamento de investigações dentro desta temática.

> PALAVRAS-CHAVE

Adolescente, abrigo, estresse psicológico.

> ABSTRACT

Objective: This study investigated stress conditions in a group of adolescents living in shelters, in terms of the areas most commonly mentioned as stressful events and perceived stress intensity. **Methods:** Thirty adolescents (both genders, 11 to 18 years-old) living in shelters in the Baixada Santista district (São Paulo, Brazil) were investigated, using the Stressing Events Inventory for Adolescents (IEEA) and the Adolescent Stress Questionnaire (ASQ). **Results:** High-impact events and stressors were related to school, financial pressures and legal and institutional rules, in addition to concerns about poverty and violence. **Conclusion:** Stress associated with school environments was identified in the group of adolescents under examination, with family relationships that have already been damaged significantly, underscoring the need for broader-based investigations into this topic, in greater depth.

> KEY WORDS

Adolescent, shelter, stress, physiological.

¹Mestre em Ciências pelo Programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BR). Santos, SP, Brasil.

²Pós-doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP. Docente da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BR). Santos, SP, Brasil.

³Livre Docente em Fisiologia Endócrina pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP. Professora Titular da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BR). Santos, SP, Brasil.

⁴Mestre em Psiquiatria e Psicologia Médica. Doutoranda em Psiquiatria e Psicologia Médica, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-SP). São Paulo, SP, Brasil.

⁵Estatístico, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP. Estatístico, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-BR). Santos, SP, Brasil.

Amanda Oliveira Fernandes (amanda.psi16@gmail.com) - Laboratório de Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Humano da Universidade Federal de São Paulo (LADH/UNIFESP-BR) - Rua Silva Jardim, 136, 3º andar, sala 327, Vila Mathias. Santos, SP, Brasil. CEP: 11015-020.

Recebido em 18/06/2014 – Aprovado em 29/08/2014

➤ INTRODUÇÃO

Na adolescência ocorrem transformações características de um período do desenvolvimento com avanços evolutivos relativos às adaptações frente às mudanças físicas e mentais, relações com pares e com o mundo adulto. Situada entre os 10 e 19 anos de idade¹, é momento de transição de um estado de imaturidade física, social e sexual da infância para o de maturidade dessas instâncias.

Segundo a teoria ecológica de Bronfenbrenner², o desenvolvimento emerge de interconexões ambientais que são denominadas pelo autor como sistemas micro, meso, exo e macro. Os *microssistemas* abarcam contextos de relações face a face do desenvolvimento. O *mesossistema* é um conjunto desses *microssistemas*. A família e os ambientes escolares são exemplos de contextos ambientais de *microssistemas* que, em conjunto, formam os *mesossistemas*, onde ocorrem processos de desenvolvimento mais proximais. O *exossistema* é um contexto ambiental em que a pessoa não está presente (em relações face a face), mas que interage com seu desenvolvimento e é por ele influenciado. Ao *exossistema*, por exemplo, pertencem aqueles contextos ambientais do trabalho dos pais, de sistemas de saúde e segurança. E, por fim, o *macrossistema*, o qual se refere aos grandes contextos ideológicos e de sistemas de valores de uma cultura, num tempo histórico. Todos esses sistemas afetam o desenvolvimento da pessoa, de forma interativa e dinâmica.

Na adolescência, como sobremaneira na infância, os *microssistemas* familiares são especialmente importantes para o desenvolvimento, pelas condições de cuidado e proteção pertinentes às relações proximais³. Há, entretanto, crianças e adolescentes que não vivem em famílias, estando abrigadas em instituições.

Siqueira e Dell'Aglio⁴ mostram que crianças e adolescentes que vivem em abrigos teriam na própria instituição o *microssistema* central de seu ambiente ecológico. No *mesossistema*, estariam

os vários *microssistemas* pertinentes às interações do abrigo com família(s), escola, parentes, e vizinhos. Conselhos tutelares, por exemplo, seriam instâncias de *exossistema* que interagem dinamicamente no desenvolvimento, enquanto no *macrossistema* poderiam ser considerados preconceitos e valores pejorativos ou depreciativos frente ao abrigamento.

Serviços de acolhimento institucional existem para oferecer proteção, em caráter provisório, para crianças e adolescentes, cuja convivência familiar seja considerada prejudicial ao seu desenvolvimento⁵. Indicadores de 2011 do "Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento"⁶ apontavam que havia, no Brasil, cerca de 37 mil crianças e adolescentes vivendo em 2.624 serviços de acolhimento institucional. Na região Sudeste estavam 21.730 dessas crianças e adolescentes, distribuídas em 1.419 serviços, número expressivo em termos da saúde da população, considerando que a vivência institucional pode apresentar fatores de risco ao desenvolvimento. O "Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e Adolescentes" (LNACA) caracteriza os abrigos no Brasil como locais de pobreza e de desvalorização social⁵.

Wathier-Abaid e Dell'Aglio⁷ colocam que crianças e adolescentes que vivem em abrigos têm maior chance de apresentar transtornos psiquiátricos do que aqueles que vivem com suas famílias. Os autores comentam que a vida dos abrigados é marcada por muitos eventos adversos (por falta/prejuízo de apoio afetivo) que podem ser eventos estressores desencadeantes de disfunções no desenvolvimento.

Por outro lado, há trabalhos que apontam aspectos positivos e de proteção presentes no abrigamento. Estudo realizado em abrigos e serviços de acolhimento da Califórnia (EUA) indicou que se manter abrigado por tempo consistente (mais de três meses), sem ocorrência de fugas e/ou vivências de rua, pode ser protetivo quando essa condição é comparada com vivências mais inconstantes⁸. O estudo brasileiro de Dell'Aglio

e Siqueira⁹ também mostrou aspectos positivos da condição de institucionalização, como a proteção de experiências de maus-tratos na família de origem, além de vinculações afetivas construídas nos abrigos.

Dentre os problemas apontados na institucionalização de crianças e jovens, encontram-se eventos estressores repetitivos em suas vidas cotidianas. Seguindo Margis *et al.*¹⁰, tais eventos referem-se a situações ambientais cotidianas (de maior ou menor impacto) ou situações de tensão crônica, que levam a necessárias adaptações do indivíduo ao meio, nem sempre alcançadas com sucesso. O impacto dos eventos estressores é determinado pela forma como eles ocorrem e também como eles são percebidos¹¹.

Sob o prisma da teoria ecológica do desenvolvimento², problemas psicológicos, incluindo os decorrentes do estresse, seriam disfunções causadas por dificuldades em manter o controle e integração do comportamento, nos diferentes domínios do desenvolvimento. A exposição contínua a determinadas situações consideradas estressoras podem levar a respostas de estresse em dimensões cognitivas, comportamentais e físicas¹⁰, por produzirem, ou exacerbarem, uma desregulação (de sistemas biológicos) com interdependência de esferas psicológicas.

Não há consenso em relação aos eventos estressores mais significativos e ao que leva um evento a ser considerado estressor ou não. Entre os estressores mais comuns relacionados ao período da adolescência, encontram-se conteúdos relativos à família, escola, mudanças corporais, além de doença ou morte de pessoas próximas¹².

Considerando que problemas advindos do estresse podem interferir no desenvolvimento psicológico^{11, 12}, físico¹⁰ e psicossocial¹², e destacando a relevância da temática de institucionalização de jovens e seu desenvolvimento, este estudo foi proposto com o objetivo de investigar condições referidas de estresse (eventos estressores e intensidade do estresse percebido) em adolescentes que vivem em situação de abrigo.

MÉTODOS <

Foram pesquisados 30 adolescentes, de 11 a 18 anos incompletos, 20 meninas e 10 meninos, moradores de cinco serviços de acolhimento institucional (abrigos), de dois municípios da Baixada Santista (SP).

Foram utilizados: o "Inventário de Eventos Estressores na Adolescência" (IEEA)¹², e o "Questionário de Estresse em Adolescentes" (ASQ)^{13, 14}. O IEEA avalia eventos de vida estressores através de 64 itens. Para cada item, o sujeito indica em uma alternativa sim/não se o evento ocorreu e, a partir disso aponta, em uma escala Likert de cinco pontos, o impacto atribuído a cada evento (de 1 - baixo impacto - a 5 - elevado impacto). Os eventos avaliados pelo IEEA distribuem-se nos domínios: familiar, escolar, social, judicial/institucional, sexual e pessoal. O instrumento mostrou-se confiável na avaliação de eventos de vida estressores em adolescentes, independentemente do sexo, idade ou tipo de escola frequentada¹². O ASQ avalia fatores estressores para adolescentes através de 62 afirmações, também numa escala Likert de cinco itens referentes a graus de intensidade do estresse percebido. Os itens do ASQ distribuem-se em 11 escalas. O trabalho de validação brasileira do instrumento vem incluindo correlações de âmbito biológico¹⁵. No procedimento de tratamento dos dados, foi realizada a somatória simples dos itens das escalas (ASQ)/domínios (IEEA), a fim de contabilizar o valor dos escores de cada escala/domínio. Devido a cada domínio do ASQ e do IEEA contar com números diferentes de componentes, foram criadas variáveis padronizadas (variação de 0 a 100), para possibilitar avaliação da magnitude dos escores calculados a partir de um número diferente de componentes. O cálculo realizado na padronização das variáveis considerou valores dos escores encontrados, e valores mínimos e máximos de cada escala/domínio. No IEEA, foi calculada a frequência e medidas descritivas de ocorrência do evento estressor, e a média do impacto percebido de cada item, dentro dos domínios pro-

postos. A análise dos dados do ASQ considerou medidas descritivas do estresse percebido das 11 escalas do instrumento, que foram agrupadas em cinco domínios: família, escola (desempenho escolar, frequência, interação com professores e conflito escola/lazer), social (relações românticas, pressão dos pares e relações sociais), pressão financeira e futuro (incluindo responsabilidades emergentes da vida adulta).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP (Processo 0055/09). Participaram do estudo todos os adolescentes que aceitaram o convite da pesquisa, e que se encaixavam na referida faixa etária, e não apresentavam diagnóstico de *déficit* cognitivo. Foi considerada a concordância institucional para a realização do estudo, aceites/disponibilidade dos adolescentes para a participação. Nos serviços visitados havia um total de 52 adolescentes abrigados na época da pesquisa. Após a apresentação da proposta para os responsáveis pelas instituições e concordância de participação, foram

dadas as explicações e feitos os convites para os adolescentes. Os diretores dos serviços de acolhimento assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), como responsáveis pelos adolescentes, e estes assinaram Termos de Assentimento. A aplicação dos instrumentos teve duração média de 40 minutos, ocorrendo de forma individual em espaços dos abrigos, em dias e horários combinados com os adolescentes e a equipe da instituição. Após a entrega dos instrumentos respondidos pelos adolescentes, procedia-se à verificação acerca da completude das respostas, havendo orientações em casos necessários.

RESULTADOS



Conforme apresentado na Tabela 1, os resultados dos escores padronizados das medidas descritivas do IEEA indicaram maiores médias referentes à ocorrência de eventos estressores nos domínios: *escolar, judicial/institucional e social*.

Tabela 1. Medidas descritivas dos escores padronizados dos domínios do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA), por sexo.

Sexo		Domínio familiar	Domínio escolar	Domínio social	Domínio judicial-institucional	Domínio sexual	Domínio pessoal
Masculino (10)	Média	47,1	64,4	54,7	62,0	20,0	46,4
	Desvio padrão	24,0	21,5	27,9	30,5	32,9	24,6
	Mínimo	11,8	33,3	0,0	20,0	0,0	14,3
	Máximo	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Feminino (20)	Média	40,9	49,4	45,3	43,0	20,0	38,2
	Desvio padrão	22,8	24,9	25,6	23,6	32,0	27,3
	Mínimo	11,8	0,0	0,0	0,0	0,0	7,1
	Máximo	88,2	100,0	100,0	80,0	100,0	100,0
Total (30)	Média	42,9	54,4	48,5	49,3	20,0	41,0
	Desvio padrão	23,0	24,5	26,3	27,2	31,8	26,3
	Mínimo	11,8	0,0	0,0	0,0	0,0	7,1
	Máximo	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

De acordo com a Tabela 2 (referente ao percentual das ocorrências dos eventos estressores e médias do impacto percebido do IEEA), os investigados não referiram muitos eventos estressores no domínio *familiar*, mas, quando o fizeram, houve grande impacto. Nesse do-

mínio, itens estressores com maior ocorrência referiram-se a obrigações diante de normas paternas, morte de familiares e brigas com irmãos. Já estressores de maior impacto foram aqueles relacionados a mortes de pais ou irmãos, além de agressões e rejeições advindas dos pais.

Tabela 2. Percentuais de ocorrência dos eventos estressores e média do impacto nos domínios familiar, escolar e judicial/institucional do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA).

Domínio	Evento estressor	Ocorrência (%)	Impacto (média)
Familiar	Ter que obedecer às ordens de seus pais	70,0	3,6
	Morte de outro familiar	63,3	3,9
	Ter brigas com irmãos (ãs)	63,3	3,2
	Um dos pais ter filhos com outros parceiros	56,7	3,3
	Não receber cuidado e atenção dos pais	56,7	3,7
	Morte de um dos pais	46,7	4,6
	Ter familiares com ferimentos ou doenças	46,7	3,9
	Separação dos pais	46,7	3,7
	Um dos pais se casar novamente	43,3	3,3
	Sofrer agressão física ou ameaça por parte dos pais	43,3	4,5
	Assumir o sustento da sua família	36,7	3,6
	Um dos pais ficar desempregado	36,7	4,0
	Ser rejeitado (a) pelos familiares	36,7	4,1
	Ser impedido (a) de ver os pais	30,0	3,9
	Morte de irmãos (ãs)	20,0	4,5
	Um dos pais ter que morar longe por causa do serviço	20,0	3,8
	Ter sido adotado (a)	13,3	3,3
Escolar	Ter provas no colégio	80,0	3,7
	Rodar de ano na escola	76,7	3,4
	Mudar de colégio	63,3	4,2
	Ter problemas com professores	53,3	3,0
	Ser expulso (a) da sala de aula pela professora	50,0	3,3
	Ter dificuldades de adaptação/ajustamento na escola	46,7	4,4
	Ter mau relacionamento com colegas	43,3	3,5
	Ser suspenso (a) da escola	40,0	2,8
	Ser expulso (a) da escola	36,7	3,7
	Ser levado (a) para uma instituição de abrigo	80,0	3,3
Judicial/ institucional	Ir para o Conselho Tutelar	60,0	3,5
	Ter problemas com a justiça	46,7	4,1
	Ter problemas com a polícia	30,0	3,8
	Ser levado (a) para FEBEM/Fundação CASA	30,0	4,6

O domínio *escolar* do IEEA apresentou maior ocorrência para eventos estressores, especialmente os associados a avaliações (provas) e repetência. As mudanças de colégios e adaptações à escola tiveram altos impactos de estressores nessa dimensão. Já no domínio *judicial/institucional*, ficaram indicados como estressores mais ocorrentes aqueles relativos à transição para a vida institucional (ser levado para o abrigo e para o conselho tutelar). O impacto maior nesse domínio ficou indicado em estressores relativos a internações por atos infracionais.

Conforme indicado na Tabela 3, quanto ao domínio *social* do IEEA, houve mais eventos estressores pertinentes a dificuldades e restrições nos relacionamentos entre pares (discussões, e impedimentos para passeios e festas), além de problemas pertinentes às necessárias adaptações a novos territórios (mudanças de casa e

de cidades). Os maiores impactos percebidos para estressores desse domínio foram os relativos aos impedimentos para frequentar festas e passeios, além dos relativos a problemas de preconceitos raciais.

Os adolescentes pouco referiram eventos estressores no domínio *pessoal* do IEEA, porém quando esses eventos foram citados, apresentaram alto impacto. Indicativos desses estressores apareceram quanto a preocupações com elementos de saúde mental (ter crise nervosa) e preocupação financeira (pobreza). O item *pessoal* que se destacou com maior impacto estressor foi o relativo à vitimização por violência.

Poucos indicadores de eventos estressores no domínio *sexual* também se apresentaram com alto impacto. Estressores referentes a situações de aborto e de estupro alcançaram as pontuações máximas de impacto do estudo e do instrumento (M=5,0).

Tabela 3. Percentuais de ocorrência dos eventos estressores e média do impacto nos domínios social, pessoal e sexual do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA).

Domínio	Evento estressor	Ocorrência (%)	Impacto (média)
Social	Discutir com amigos (as)	73,3	3,7
	Ser impedido (a) de ir a festas ou passeios	73,3	4,4
	Mudar de casa ou de cidade	70,0	3,7
	Sofrer castigos ou punições	66,7	3,9
	Não ter amigos (as)	53,3	3,6
	Terminar o namoro	53,3	3,8
	Ser xingado (a) ou ameaçado (a) verbalmente	50,0	3,9
	Sofrer humilhação ou ser desvalorizado (a)	46,7	3,9
	Morte de amigo (a)	43,3	3,9
	Ter amigos (as) com ferimentos ou doenças	43,3	3,7
	Sentir-se rejeitado (a) por colegas e amigos (as)	40,0	3,3
	Ter dificuldades em fazer amizades	33,3	3,6
	Envolver-se em brigas com agressão física	33,3	3,7
	Ter problemas com os outros pela sua raça	23,3	4,4
	Ter problemas com autoridades ou chefia	23,3	3,0

continua

continuação da Tabela 3

Domínio	Evento estressor	Ocorrência (%)	Impacto (média)
Pessoal	Não ter dinheiro	76,7	3,6
	Ter crise nervosa	63,3	3,7
	Ficar pobre	60,0	3,7
	Ter problemas e dúvidas quanto às mudanças no corpo e aparência	46,7	3,1
	Ser pobre	46,7	3,8
	Não conseguir emprego	43,3	4,2
	Perder o emprego	36,7	4,3
	Ter dormido na rua	36,7	4,2
	Sofrer acidente	36,7	3,9
	Ter sofrido algum tipo de violência	30,0	4,7
	Ter doenças graves ou lesões sérias	26,7	4,0
	Ter problemas no trabalho	26,7	4,3
	Usar drogas	23,3	4,0
	Ser assaltado (a)	20,0	4,2
Sexual	Ser tocado (a) sexualmente contra a vontade	30,0	4,8
	Fazer aborto/A namorada fazer aborto	20,0	5,0
	Ficar grávida/A namorada ficar grávida	16,7	4,6
	Ser estuprado (a)	13,3	5,0

A Tabela 4 apresenta medidas descritivas dos escores padronizados sobre o estresse percebido nos diferentes domínios do ASQ, para meninos e meninas da amostra. Os domínios relativos à *pressão financeira*, à *escola*, e à *família* foram os que tiveram médias mais altas de estresse percebido pelo grupo investigado.

As meninas seguiram a mesma tendência dos resultados do grupo, com indicativos de maior estresse para *pressão financeira*, *escola* e *família*. Os meninos investigados apresentaram maior indicativo de estresse também para *pressão financeira* e *escola*, embora ainda tenham indicado condições de maior estresse para domínio *social*. Destaque-se que os meninos da amostra apresentaram médias baixas para estresse no domínio *familiar*. Os elementos

associados a preocupações com o *futuro*, levantados pelo ASQ, não foram indicados como situações estressoras importantes nem por meninos, nem por meninas.

DISCUSSÃO



Resultados encontrados neste estudo apontaram muitas referências a situações de estresse e também alto impacto de alguns eventos estressores, em diversas áreas da vida cotidiana dos adolescentes abrigados investigados, dados concordantes com trabalhos^{4,7,11} também voltados à pesquisa de adolescentes que vivem em acolhimento institucional.

A *escola* ficou indicada como importante ambiente de eventos estressores para os inves-

Tabela 4. Medidas descritivas dos escores padronizados dos domínios do Questionário de Estresse em Adolescentes (ASQ), por sexo.

Sexo		Domínio família	Domínio escola	Domínio social	Domínio futuro	Domínio pressão financeira
Masculino (10)	Média	44,6	54,8	51,6	40,4	56,3
	Desvio padrão	23,0	22,4	17,9	20,8	29,8
	Mínimo	15,4	15,2	28,1	4,2	0,0
	Máximo	84,6	79,3	81,3	70,8	87,5
Feminino (20)	Média	53,3	56,6	48,2	47,3	61,3
	Desvio padrão	23,3	20,2	26,8	25,6	27,5
	Mínimo	15,4	19,6	7,8	16,7	6,3
	Máximo	94,2	97,8	93,8	100,0	100,0
Total (30)	Média	50,4	56,0	49,3	45,0	59,6
	Desvio padrão	23,2	20,6	24,0	24,0	27,9
	Mínimo	15,4	15,2	7,8	4,2	0,0
	Máximo	94,2	97,8	93,8	100,0	100,0

tigados. Os resultados do IEEA apontaram que a avaliação escolar foi o campo mais referido para esses eventos estressores. Embora avaliações sejam percebidas como situações estressoras para adolescentes em geral¹², no caso de adolescentes institucionalizados, pressões associadas à avaliação acadêmica podem ser mais impactantes, já que o desempenho escolar nessa população apresenta-se menor¹⁶.

Nos resultados do ASQ, itens sobre as dificuldades de entendimento do conteúdo escolar foram referidos como muito estressantes. Isso pode sinalizar problemas relativos aos processos de ensino/aprendizagem de adolescentes em situação de acolhimento. Instabilidades de pertinência à escola, *déficits* nos sistemas ambientais em que interagem^{7, 11}, além da falta do apoio familiar¹⁶ para atividades escolares são condições que permeiam dificuldades de inserção escolar desses adolescentes. Ainda nesse sentido, os resultados do IEEA mostraram alto impacto de estresse percebido pelos investigados frente a mudanças escolares e a dificuldades de adaptação às escolas.

Essa instabilidade na vida escolar reflete instabilidades próprias da vida desses adoles-

centes. Nessa população, são constantes trocas de instituições, fugas, idas e vindas de ambientes familiares⁶, o que prejudica sentidos de pertinência ao ambiente total da escola, que integra aspectos físicos e interações entre pares e com adultos. Ao lado da família, a escola se constitui como fundamental microssistema de desenvolvimento humano. Quando a escola cumpre suas funções, ela promove e incrementa competências, incluindo as cognitivas, sociais, e artísticas. Para crianças e adolescentes abrigados, tais funções são sobremaneira importantes, tendo em vista os prejuízos nos microssistemas familiares^{2, 11} que lhes são próprios.

Nenhum dos adolescentes investigados estudava em período integral. Estudo de Oliveira-Monteiro *et al.*¹⁴ indicou que adolescentes estudantes em jornada integral apresentavam resultados de baixo estresse e positividade no desenvolvimento de competências. Para esses autores, o maior tempo de permanência na escola seria facilitador para o desenvolvimento de comportamentos sociais competentes, pela oportunidade de criação e aprofundamento de laços com os pares, além da inserção maior em atividades educativas, sociais e esportivas.

Ainda no IEEA, no domínio *judicial/institucional*, os eventos estressores relativos à transição para a vida institucional foram os mais indicados pelos investigados. Eventos estressores associados à entrada no abrigo, com decorrente alteração de vida cotidiana nos contextos ambientais e separação das figuras familiares próximas, também se mostraram com importante impacto para os investigados. Essas dificuldades em realizar transições ecológicas entre os diferentes sistemas ambientais (lar/abrigo) podem levar a problemas emocionais, como estresse, decorrente das relações, interações e significações construídas nesses contextos².

Situações relativas a adaptações a novos territórios (por mudanças de casa e de cidades) foram bastante referidos como estressoras, no domínio *social*. No mesmo domínio, os adolescentes indicaram mais eventos estressores e com alto impacto para dificuldades e restrições nos relacionamentos entre pares, especialmente os impedimentos para lazer coletivo, condição bastante restritiva para essa população. Problemas de preconceitos raciais também foram percebidos com impacto alto. Tais preconceitos fazem parte do macrosistema de desenvolvimento relativo a valores negativos associados à institucionalização e à pobreza. Nesse sentido, Wathier-Abaid *et al.*¹⁷ referem que adolescentes institucionalizados necessitam conviver com o estigma relacionado à sua condição de institucionalização, podendo ser vítimas de *bullying* (recebendo ofensas, humilhações e sendo alvo de boatos).

No domínio *pessoal* do IEEA, o evento que se destacou com maior impacto estressor foi o relativo à vitimização por violência, evento que se destaca como importante fator de risco para o desenvolvimento positivo desses adolescentes, deixando-os mais vulneráveis à ocorrência de distúrbios emocionais e problemas de comportamento¹⁸. Situações de violência podem ser cotidianas para adolescentes em condições de vulnerabilidade social e, em alguns casos, são aceitas e naturalizadas nos contextos em que interagem^{4,11, 18}. Dentro do ambiente institucional,

a violência pode estar associada aos profissionais do abrigo (por desrespeito, humilhação e negligência), além de relações violentas entre os abrigados¹⁸. A violência também aparece em suas famílias, causa frequente para o abrigamento^{5,6}.

No domínio *familiar* avaliado pelo IEEA não foram apresentadas muitas referências a eventos estressores, dado que retrata a situação dos abrigados, com pouca ou nenhuma convivência no microsistema familiar. Por outro lado, situações de abandono e histórico familiar de criminalidade são comuns nessa população, o que caracteriza importante fator de risco para depressão^{7, 18}. Eventos estressores no âmbito familiar referidos como de maior impacto no estudo foram aqueles relacionados a mortes de pais/irmãos, além de agressões e rejeições advindas dos pais. De forma semelhante, estudo com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade¹¹ mostrou que a morte de familiares é evento estressor de alto impacto, relacionada a episódios de violência e doenças.

Os adolescentes investigados também não referiram presença de muitos eventos estressores relacionados ao domínio *sexual*. Todavia, eventos associados a aborto e estupro foram percebidos com o maior impacto encontrado do estudo. Isso reafirma o colocado por Kristensen *et al.*¹⁹ quanto à alta intensidade, em ambos os sexos, do impacto emocional, social, cognitivo e comportamental da violência sexual.

Adolescentes da amostra apresentaram indicadores de maior estresse no domínio *pressão financeira* do ASQ refletindo dificuldades e frustrações decorrentes da condição de pobreza que vivenciavam. Também no domínio *pessoal* do IEEA, os eventos estressores de maior impacto foram os relacionados a preocupações financeiras. Essa condição de percepção do impacto estressante da pobreza associada a fragilidades nas inserções escolares (e no desempenho escolar) que, por sua vez, também interagem com graves prejuízos nas interações familiares constituíam um contexto muito adverso para o desenvolvimento integral e positivo desses adolescentes.

O domínio do ASQ relacionado a preocupações relativas ao *futuro* não foi indicado como próprio de situações estressoras para os adolescentes investigados. Para Aberastury e Knobel²⁰, o adolescente imobiliza o tempo, reduzindo passado e futuro ao presente, para tentar preservar conquistas e apaziguar angústias vinculadas ao futuro. Nos adolescentes abrigados pesquisados, o indicativo de pouco estresse relacionado ao futuro e suas incertezas pode, por outro lado, mostrar que conflitos presentes sejam amplos e muito intensos, ocasionando uma forma de aprisionamento no presente, que pouco permite o pensar em desafios e potenciais acerca do desenrolar de suas vidas.

CONCLUSÃO

Poucos são os estudos sobre adolescentes abrigados no Brasil, a despeito da expressividade numérica dessa população e de sua condição de importante vulnerabilidade social. Embora com limitações relativas ao pequeno número de adolescentes investigados, este trabalho confirma tendências da literatura pertinente quanto à presença de fatores de risco para a saúde e desenvolvimento desses adolescentes.

As situações cotidianas de exposição a eventos estressores, muitos deles percebidos de forma bastante impactante, ocorreram, para os investigados, num contexto de vida sem os recursos necessários dos sistemas ambientais familiares. O estresse associado à escola foi característico no grupo de adolescentes investigados.

Essa condição aponta para necessidade de ampliação e aprofundamento de investigações sobre crianças e adolescentes abrigados, de forma a melhor subsidiar políticas adequadas ao desenvolvimento positivo dessa população.

NOTA

Agradecemos aos autores dos instrumentos utilizados na pesquisa, pela colaboração em esclarecimentos pertinentes; aos coordenadores e colaboradores do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NEPA/UFRGS), pelo uso do IEEA; a Don Byrne, SC Davenport e Jason Mazanov, Universidade Nacional da Austrália, pelo uso do ASQ; à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP, pelo apoio financeiro concedido ao projeto de pesquisa referência deste artigo (Processo FAPESP: 2009/50166-7).

REFERÊNCIAS

1. Organización Panamericana de La Salud. Salud del adolescente, prioridades y estrategias nacionales y regionales. Bol Ofic Sanit Panamer. 1989;107(1):78-82.
2. Bronfenbrenner U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. 2a ed. Porto Alegre: Artmed; 2002.
3. Lidchi V, Marinou A. A importância das relações familiares no desenvolvimento das dificuldades dos adolescentes: implicações para intervenções eficazes. Adolesc Saude. 2013;10(2):34-41.
4. Siqueira AC, Dell'aglio DD. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. Psicol Soc. 2006;18(1):71-80.
5. Silva ERA, organizador. O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil. Brasília: IPEA/ CONANDA; 2004.

6. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento. [Internet]. [citado 2011 Ago 16]. Disponível em: [http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/eventos/assistencia-social/encontro-nacional-de-monitoramento-do-suas-2011/arquivos/mesa-6/Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento.pdf](http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/eventos/assistencia-social/encontro-nacional-de-monitoramento-do-suas-2011/arquivos/mesa-6/Levantamento_Nacional_das_Crianças_e_Adolescentes_em_Serviços_de_Acolhimento.pdf)
7. Wathier-Abaid JL, Dell'aglio DD. Sintomas depressivos e eventos estressores em crianças e adolescentes no contexto de institucionalização. *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul*. 2007;29(3):305-14.
8. Tevendale HD, Cumulada WS, Lightfoot MA. Finding shelter: two-year housing trajectories among homeless youth. *J Adolesc Health*. 2011;49(6):615-20.
9. Dell'aglio, DD, Siqueira AC. Preditores de satisfação de vida de jovens em situação de vulnerabilidade no sul do Brasil. *Psicod Debate (B. Aires)*. 2010;10(12):213-30.
10. Margis R, Picon P, Cosner AF, Silveira RO. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul*. 2003;25(Supl 1):65-74.
11. Poletto M, Koller SH, Dell'aglio DD. Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. *Cien Saude Colet*. 2009;14(2):455-66.
12. Kristensen C, Leon JS, D'Incao DB, Dell'aglio DD. Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. *Interação Psicol*. 2004;8(1):45-55.
13. Byrne DG, Davenport SC, Mazanov J. Profiles of adolescent stress: the development of the adolescent stress questionnaire (ASQ). *J Adolesc*. 2007;30(3):393-416.
14. Oliveira-Monteiro NR, Aznar-Farias M, Nava CA, Nascimento JOG, Montesano FT, Spadari-Bratfisch RC. Estresse, competências e problemas psicológicos de adolescentes estudantes. *Arq Bras Ciênc Saude*. 2012;37(1):23-9.
15. Ferreira HA. Intervenção fisioterapêutica reduz o índice de estresse em vestibulandos [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2009.
16. Siqueira AC, Dell'aglio DD. Crianças e adolescentes institucionalizados: desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. *Psic Teor Pesq*. 2010;26(3):407-15.
17. Wathier-Abaid JL, Dell'aglio DD, Koller SH. Preditores de sintomas depressivos em crianças e adolescentes institucionalizados. *Univ Psychol*. 2009;9(1):199-212.
18. Carinhanha JI, Penna LHG. Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas instituição de abrigo. *Texto Contexto Enferm*. 2012;21(1):68-76.
19. Kristensen CH, Flores RZ, Gomes WB. Revelar ou não revelar: uma abordagem fenomenológica do abuso sexual em meninos. In: Bruns MAT, Holanda AF, organizadores. *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega; 2001.
20. Aberastury A, Knobel M. *Adolescência normal*. 6a ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1988.